

Bancos credores fecham acordo de qualquer jeito

FATIMA CRISTINA

Apesar das dificuldades de controlar a inflação e atingir a tão sonhada estabilidade macroeconômica já alcançada por países como México, Chile e Argentina, o Brasil deverá fechar um acordo com os bancos credores privados mais rápido do que se imagina. A expectativa otimista é dos próprios bancos, representados pelo comitê — liderado pelo Citibank — que reúne 19 instituições financeiras, e que esperam chegar a um consenso com as autoridades brasileiras já em abril.

O Brasil e a Argentina — que iniciou na última segunda-feira suas conversações com os credores — são os únicos países latino-americanos que ainda não reestruturaram suas dívidas externas. No caso brasileiro, a retomada das conversas com os bancos começou em outubro de 1989, pondo fim à moratória informal adotada pelo ex-ministro da Fazenda Mailson da Nóbrega, em junho de 1989.

O que o Brasil está negociando no momento é o escalonamento das garantias oferecidas ao pagamento do principal. No início das conversas, a equipe brasileira propôs pagar US\$ 2 bilhões em garantias, que seriam las-

treadas por títulos do Tesouro americano, a serem adquiridos pelo governo brasileiro. O comitê achou pouco, mas o Brasil se mostrou mais disposto a pagar um pouco mais, dependendo do número de bancos que optarem por trocar a dívida nova pelos **discount bonds**.

A disposição dos bancos privados em negociar o quanto antes, independentemente do sucesso da estabilização econômica do Brasil, se explica pelo enorme custo que os débitos dos países da América Latina gera nas contas das instituições. Para um dos maiores bancos credores, estes créditos duvidosos custaram US\$ 4 bilhões em 1991.